

SIGNIFICADO DA ÁGUA NA CULTURA XAVÁNTE

Pe. Bartolomeu Giaccaria

(Missão Salesiana de Sangradouro, Mato Grosso)

Xavánte é o nome que os portugueses deram aos componentes de uma tribo indígena que ocupava, nos fins do século XVI, o Norte de Goiás. Não se conhece a origem do nome, tão diferente daquele com que a tribo se auto-denomina: *AUWE*, o que significa pessoa, gente.

Até a metade do século passado, os Xavánte eram muito numerosos e aguerridos. Sucessivas expedições militares conseguiram pacificá-los e fixá-los em aldeias "protegidas por uma guarnição militar". Sua primeira pacificação deu-se, entre 1784 e 1788, graças a Tristão da Cunha. Nos aldeamentos enfraqueceram-se cada vez mais, até que um grupo decidiu abandonar o mundo dos "civilizados". Com grande dificuldade, atravessaram o rio Araguaia e o rio das Mortes e ocuparam a Serra do Roncador, na parte norte-oriental do Planalto Central Brasileiro.

Atualmente há oito aldeias xavánte, distribuídas pelo Estado de Mato Grosso: São Domingos, Areões, Couto Magalhães, São Marcos, Sangradouro, Rio das Mortes, Batovi e Paraíso. A população total é de quase 3.000 pessoas e a maior parte delas, embora conservando o melhor de sua cultura, procura integrar-se na comunidade nacional, o que lhe permite adquirir recursos para as suas novas necessidades.

Os Xavánte têm orgulho de seu patrimônio cultural, muito rico e não totalmente conhecido por nós. Cultivam-no com carinho, e nota-se que suas cerimônias são orientadas por uma idéia central: o culto da vida e da fecundidade. Acreditam na existência de espíritos bons, os *dañimite*, promotores da fecundidade que aumenta o número de componentes da tribo, e de espíritos maus, os *tsimihöparĩ*, que, com o intuito de dizimá-los, provocam doenças e mortes.

A festa do *way'a* é a representação viva desta crença. Entre cantos e danças encena-se a luta entre os espíritos maus e os bons, com a vitória final destes e a ereção de túmulos simbólicos para aqueles. Depois da festa renasce a esperança, ou melhor, a certeza de que o grupo não se extinguirá, tornando-se, pelo contrário, sempre mais forte.

Muitas lendas refletem essa aspiração fundamental. Nelas, os anciãos se esforçam por transmitir aos jovens a seguinte idéia: sejam fortes e aumentem a tribo. Por isso, a educação dá ênfase especial à superação do cansaço, da dor e do medo. Estes aspectos dos valores educativos xavánte podem ser melhor apreciados pelo estudo detalhado do sentido da água nessa cultura. Na vida xavánte, o banho tem muita importância. Não surge apenas como simples exigência higiênica, mas é também um ato rico de significado e de efeitos mágicos. Antes de descrever seus vários tipos, examinemos como a mentalidade xavánte considera a água.

A ÁGUA: Ö, U

Para o Xavánte, a água não é apenas elemento essencial à sobrevivência; encerra também valor simbólico.

Os Xavánte distinguem a “água viva”, ou seja, a água corrente (traduzida pela palavra Ö), da “água morta” ou água parada (traduzida pela palavra U).

A “água viva” dos grandes rios, assim como a “água morta” dos grandes lagos, é povoada por espíritos. Nos rios habitam os espíritos bons, os *ötedewa*, e nos lagos os maus, denominados *Uutedewa*.

Conta uma lenda que os *Uutedewa*, querendo raptar as mulheres xavánte, fizeram muitas cabaças boiarem na superfície do lago. Quando as mulheres as viram, quiseram alcançá-las a nado, mas os maus espíritos, com redemoinhos, as atraíram para o fundo, para as suas habitações.

Uma menina que ficara à margem, guardando as cestas, vendo o acontecido, correu para o acampamento, a fim de comunicá-lo aos homens da tribo. Estes encarregaram um iniciado de *Way'a* de secar a água do lago com um exorcismo. Para isso, ele bateu com os pés no chão e, paulatinamente, as águas baixaram de nível. Daí a dois dias o fundo apareceu enxuto e, conseqüentemente, a casa dos espíritos maus deixou de existir (os Xavánte acreditam que as águas dos rios e dos lagos não ocupam todo o espaço entre a sua superfície e o respectivo solo. Assim, haveria uma zona livre e enxuta no fundo, onde habitariam os espíritos).

Todos os espíritos, então, abandonaram o lago à procura de uma nova habitação, acompanhados pelas mulheres. Os Xavánte tentaram retomar suas esposas e, em artimanha feliz, as encontraram. Elas traziam, porém, o rosto negro, pintado de jenipapo, porque os espíritos maus, deste modo, pretendiam tê-las consigo para sempre. Os homens xavánte quiseram lavar o rosto de suas mulheres, mas ao contato com a água, misteriosamente, todas morreram.

Depois disso, revoltaram-se os homens que haviam ficado na tribo. Para vingar-se, roubaram dois formigueiros que os espíritos maus estavam criando, assaram-nos e comeram todas as formigas. Todos os homens que o fizeram vieram a falecer.

Os *Utedewa* manifestam também a própria maldade nas cerimônias que precedem a pesca nos lagos: três homens, imersos nas águas, representam os maus espíritos e insultam violentamente os Xavánte que lhes pedem permissão para pescar. É-lhes concedida depois de certo tempo e com muito má vontade. Os *Utedewa* são, pois, sovinas e extremamente malvados.

Alem dos *Ötedewa* (espíritos dos rios já citados), há também os *Ayhöyre* (jacaré), igualmente bons e generosos. Dizem os Xavánte que foram eles que lhes deram várias qualidades de alimento e curaram diversas de suas doenças.

A lenda dos *wapté robtsamrīwa* (o adolescente vidente) conta que esses espíritos, de forma humana na parte superior do corpo e de peixe na inferior, percebendo a má alimentação dos Xavánte, nada mais do que raízes e madeira em decomposição, tiveram pena deles e lhes ofereceram abóboras (que já haviam dado aos jacarés) e batatas (carás) — alimentos muito apreciados pelo Xavánte.

Os *Ötedewa* auxiliam os pais na educação dos filhos. Quando estes lhes desobedecem, expondo-se, por exemplo, ao perigo de se afogarem nos rios, os *Ötedewa* os atraem até suas casas, corrigem-nos severamente, assustando-os. Depois os mandam de volta à superfície.

O BANHO: MRÕ

A palavra banho, na língua xavánte, é indicada por vários vocábulos. Entre eles o monossilábico *mrõ*, que indica o matrimônio, o liame conjugal e também simples agrupamento — o reunir várias coisas — encerra a idéia mais significativa.

Encontramos o vocábulo na palavra *ĩmrõtõ* (polegar, que indica o número cinco), literalmente traduzido como “o que não se une aos demais” — (*ĩ*: prefixo, *mrõ*: unir-se, *tõ*: não).

O banho, portanto, não se reduz ao simples contato da água com o corpo, mas é união íntima e eficaz que ela proporciona ao ser humano.

Assim que nasce, o Xavánte recebe o seu primeiro banho: imediatamente depois de cortado o cordão umbilical, o recém-nascido é levado ao centro da casa e recebe abundante ducha de água fria, obtida no rio. Perguntado ao velho informante Jerônimo se a finalidade do banho era a de limpar a criança, recebeu-se a surpreendente resposta de que servia para fazê-la crescer forte e bela.

O Xavánte vai ao rio várias vezes por dia para tomar banho. Fica agachado na água rasa e, com as mãos, molha a cabeça e as costas. Só depois deste rito, é que ele mergulha, nada e se lava.

Além do banho simples, há outros, que são partes essenciais de determinadas cerimônias, com finalidades diversas. Entre eles, o “Banho do Noivado”, que tem por finalidade específica tornar as crianças fortes e bo-

nitais, colocar as bases do noivado e unir mais intimamente as famílias dos futuros esposos.

Reproduzimos a narração desta cerimônia, com breves explicações em parênteses para facilitar a compreensão, como nos foi descrita por Jerônimo, depositário das tradições da tribo Xavánte de Sangradouro.

O BANHO DAS CRIANÇAS (O BANHO DO NOIVADO)

(Na costumeira reunião noturna, desenvolve-se na aldeia um diálogo entre adultos e anciãos):

— Queremos o banho das crianças!

— São os anciãos que o querem!

— Quero o banho das crianças!

— Isto mesmo, isto mesmo!

— Devemos festejar para ficarmos alegres!

— Isto mesmo! Isto mesmo!

— Amanhã ao amanhecer, vocês deverão estar na floresta, deverão levantar cedo!

No dia seguinte, como haviam planejado, penetram na floresta, sentam-se e gritam:

— Aaaaa, aaaa, aaaa...

O sol já vai alto. (Os anciãos que dirigem toda a festa gritam):

— Basta! Basta! Comecem a pintar-se!

— E como nos pintaremos?

— Como *wauhöba* (um tipo especial de pintura).

— Nós anciãos também nos pintaremos como *wauhöba*!

— Devemos pintar-nos também como *wauhöba*: com carvão o peito, e com urucu as costas.

(Os anciãos dirigem-se aos pais das meninas das quais se faz o noivado):

— Unjam as meninas com óleo de coco!

— Vou mandar o meu menino (para representar a irmãzinha, ou porque a menina ainda não nasceu, ou porque o noivo ainda não participou do rito de iniciação).

— Eu mando a minha menina.

— Quem não tem futuro genro (ou seja, quem ainda não escolheu noivo para sua filha) não lucra com a festa!

(Terminando de pintar-se, sentam-se):

— Vamos para a praça da aldeia (*war'a*).

— A caminho! A caminho!

— Aaaa, aaa... — gritam pela última vez.

— Como é belo o futuro genro, levando folhas verdes (para sentar-se no *war'a*).

(Todos os futuros genros vão para o *war'a*, formam um círculo e sentam-se):

— Aproximem-se as mães com as filhas, cada uma com sua criança!

(Assim, as mães se colocam atrás dos respectivos genros e em determinado momento entregam-lhe a própria filha — ou filho):

— Vieram todos?

— Acho que sim.

— Hoje, à tarde, repetiremos tudo.

— E amanhã também.

— Unjam as meninas novamente hoje, à tarde.

— Podem ir agora pra o rio!

(Quando a distância é grande, as mães ajudam a levar as crianças que ainda não sabem caminhar. Chegando ao rio, os noivos dão banho nas noivas ou em seus respectivos irmãozinhos. Depois disso, todos saem da água: as crianças maiores, sozinhas, e as pequeninas são levadas nos braços dos noivos, que as entregam às sogras.) Os jovens que não foram escolhidos, voltam para casa, comentando:

— São muitos os não escolhidos!

— Eu sou um bom caçador. Alguém deveria ter-me escolhido para que eu pudesse provar o meu valor. Mas ninguém o fez.

— Se alguém me tivesse escolhido, amarraria o meu nariz... (e assim se consolam).

— Nas grandes caçadas, eu nunca voltei sem trazer alguma caça... (e assim se consolam).

(O mesmo banho é repetido à tarde e à noite. Na manhã seguinte, bem cedinho, as mães tornam a apresentar suas filhas aos futuros genros, e repetem-se os ritos já mencionados. A festa prossegue nesses moldes por quase dois meses. Durante esse tempo, as mães na aldeia começam a fiar o algodão. As que possuem irmãs na aldeia solicitam a sua ajuda).

— Eu já comecei, continuem vocês.

— Continuarei este fio já iniciado!

(Chega assim o tempo da seca. Tempo da caçada feita com fogo: a caçada *dzomerĩ*):

— Precisamos decidir quem vai caçar!

— Onde iremos caçar? Aonde iremos?

— Iremos àquele lugar.

— Iremos em direção da planície — do *itehudu*.

— Isto mesmo! O futuro sogro não deve ficar sem comer!

(E os jovens noivos, auxiliados por seus familiares e por outros homens da tribo, partem para a caçada. Os veados e as antas nela obtidos serão conservados para o dia da festa. Os animais menores serão repartidos entre os participantes da caçada que se desenrola, resumidamente, do seguinte modo: os caçadores distribuem-se em forma de círculo e dois são incumbidos de atear fogo na erva seca. O círculo de fogo vai apertando a caça que se amontoa. Torna-se assim fácil matar os animais, com flechas ou bastões especiais. À noite, o fogo se apaga e, no dia seguinte, e escolhida outra área para a continuação da caçada. À medida que o produto desta aumenta, preparam-se novas cestas para o transporte. Defuma-se a carne depois de separada da pele e cortada em pedaços.)

- Amanhã será o último dia.
- Basta, já temos o suficiente.
- Saciar-nos-emos com a caça obtida e as mulheres terão muita força para fiar o algodão.

(Separa-se, então, a carne que será dada aos sogros e inicia-se o retorno. Aproximando-se da aldeia, os caçadores fazem uma pausa para pintar seus corpos. Depois entram na aldeia, carregando as pesadas cestas de carne e gritando):

— *Kai, kai, kai, ooo, oooo...*

Os anciãos respondem das ocas:

— *Kai, kai, kai, eeee, eee...*

(Os genros destacam-se do grupo e se dirigem às casas de seus sogros. Entram e colocam as cestas repletas do produto da caçada junto dos leitos dos sogros. Feito isso, saem imediatamente e cada qual vai para a sua casa.)

Os jovens não escolhidos para serem noivos, comentam:

— Que inveja!

— Eu também sou bom caçador.

— Se eu tivesse um sogro...

— Não voltarei sem caça de nenhum *dzomorū*.

À tarde os velhos gritam sem parar:

— *Were na praba! Were na praba!* (Tragam as meninas!)

(Recomeça-se o banho das pequenas noivas. Desta vez, as mães participam mais ativamente. Levam as cabaças para lavar as filhas. Sentem-se felizes: já receberam a carne da caçada. Logo mais será distribuída. Ao retornarem, oferecem aos genros broas, e a carne, finalmente, é dividida entre as famílias da aldeia. Uma animada corrida tem início: há quem corra com a cabeça de um veadinho, com o dorso ou com outras partes do corpo de um cervo ou de uma anta.)

Em outra reunião noturna a conversa prossegue:

- Vocês já prepararam o campo?
- Já terminaram?
- Quantas árvores foram cortadas?
- Não sei! Não sei!
- Pergutem aos outros . . .
- Já terminamos. O nosso campo não é grande porque não existe muita terra boa.
- Já terminamos.
- Está bem! Está bem!
- É por isso que quero fazer uma boa caçada.
- Quantos dias continuarão por aqui?
- Só até amanhã! Resta-nos esta noite apenas.
- Mandem as mulheres preparar a farinha amarela.
- Façamos depresa a farinha amarela para oferecê-la aos caçadores:
- Quero fazer a farinha pra os que ateiam o fogo (*ĩa*)!
- Que beleza! É por isso que todos estão cantando e dançando! Vai começar a grande caçada e as mulheres também vão participar!
- Isso mesmo! E o canto é importante!
- Exatamente! Exatamente!
- As mulheres já estão preparando as broas de farinha amarela.
- Devem levar várias broas — o bastante para os futuros genros e seus maridos.

(Tem assim início a *dzomõrê*, a grande caçada!)

- Amanhã de manhã, amanhã de manhã!
- Levem para dentro de casa o *tsi'rã* (cesta-depósito), porque é de palha e pode chover.

(Todos se põem a caminho. No primeiro acampamento ficam alguns dias para fazer as flechas. Feito um certo número de pontas, preparam-se as hastes e os arremates.

Depois todos se pintam; iniciam as cerimônias para a propiciação do tempo: fincam no solo o *wahuwede* (o bastão do tempo, um pau comprido com ornamentações especiais), no mesmo local onde prepararam as pontas das flechas; no dia seguinte retira-se o *wahuwede* para colocá-lo diante da casa provisória do acampamento do primeiro *wahubtedewa* (senhor da seca) e, em seguida, em frente da casa do segundo.

Transcorre mais um dia e tem início a caçada. Ainda há vários ritos para cumprir. Todos se pintam. Também as mulheres que irão atrás dos que vão incendiar o campo são pintadas. Todos partem para a *dzomõrê* gritando:)

- *Kai, kai, kai.*

Caminha-se bastante. De quando em quando, uma breve parada.

- Vamos, vamos.
- Caminhemos na direção daquele buriti.
- Estamos de acordo, vamos!
- Está na hora de atear o fogo na planície. Agora, depressa!

(Enquanto se ateia o fogo, as mulheres, no acampamento, preparam as choças privisórias.)

Para incendiar a planície procede-se da seguinte maneira:

- *Kai, kai, parawã* (tragam lenha seca).

Os *wapté* (adolescentes) procuram lenha seca e preparam uma fogueira. Todos se ajuntam em volta dela, formando um grande círculo, entoando sempre o mesmo canto de caça. O encarregado acende a fogueira. Os que vão incendiar o campo permanecem ali também e recebem dos *warã* (panteras negras) as tochas necessárias. Todos gritam:

- *Aaaa, aaaa, kai, kai, kai . . .*

Abre-se o círculo para deixá-los passear e continuam gritando: *hõ, hõ, hõ, aaa, aaa, aaa . . .*

Os dois encarregados ateam o fogo na erva seca, correndo um para a direita e o outro para a esquerda, formando um grande círculo. São muitas as duplas de “incendiadores”; cada uma executa a tarefa uma só vez. O primeiro incêndio é ateadado pelos mais velhos, depois virão os mais jovens, e assim gradativamente.

- Diga-lhes que o façam mais depressa!
- Acompanhem as margens do rio!
- Siga-os!

Os “incendiadores” do primeiro trecho são velhos e correm pouco. São logo substituídos por outros, mais jovens, que, pegando as suas tochas, passam adiante, continuando a deitar fogo à planície. Pelo grande perigo que a tarefa implica (poderiam ficar encerrados nas chamas), correm sem parar. Os “incendiadores” cercam toda a caça porque agem depressa. Competem entre si, pois cada qual quer incendiar maior extensão da planície. No ponto em que se encontram verificam quem mais incendiou. Podem então descansar.

Os “incendiadores” são bem protegidos pelo “dono da seca”, que corre com eles, levando uma longa pena de siriema. Atrás deles vão outros personagens com funções mágicas: o primeiro é o “senhor da anta”, que pinta as tochas com um líquido obtido de diversas raízes, para propiciar uma caça abundante. O segundo, o “dono da seca”, usa um pó mágico com o mesmo fim.

Essas pessoas poderão caçar, mas só comerão carne de pequenos animais, presenteados pelos caçadores.

Outros personagens, também misteriosos, são os *warã* (pantera negra). São pintados de preto, com desenhos próprios, e cantam um canto especial. Com a tocha acesa precedem os incendiadores a pouca distância e levam uma longa pena atada aos cabelos, na parte posterior da cabeça.

Enquanto os “incendiadores” correm em círculo, ateando o fogo, os caçadores dividem o círculo em setores, isto para evitar brigas durante a caçada. (A caça, cercada pelo fogo e sem outra possibilidade tonta pela fumaça, rompe a cortina de chamas e encontra os caçadores já prontos com flechas e bastões.)

Após a caça, a carne não é logo consumida, apesar de talvez os caçadores e suas famílias estarem com fome, pois na volta a caça poderia rarear. Quando se fala na volta, entende-se que o acampamento está próximo.

Termina o primeiro dia de caça. Os caçadores depõem as presas diante das choças dos futuros sogros. Todos recebem a sua parte. Não há restrições quanto ao tipo de alimentação.

Enquanto dura a caçada, o banho do noivado continua, mas só pela manhã, porque de tarde se faz a distribuição da carne (o que leva muito tempo). São sempre os anciãos que dirigem a cerimônia do banho, e somente fazem exceção quando as mães que conduzem as filhas ao rio se queixam do cansaço das pernas.

De tarde, um canto encerra os trabalhos diários, terminado sempre com os gritos costumeiros: *aaaa, kai, kai, kai* . . .

Antigamente os Xavánte conheciam vários cantos de caça, mas atualmente até os mais velhos os esqueceram, motivo pelo qual repetem sempre o mesmo.

E assim passam os dias. Chega a vez dos últimos “incendiadores”. São mais velozes, porque são os mais jovens. A carne acumulada já se avoluma. Decidem voltar. Então o *warã* mais jovem corre; cantam um canto apropriado, concluído pelo grito: *aaaa, hõ, hõ, hõ, aaaa* . . . Quanto mais veloz a corrida, mais se ouve o ruído dos ornamentos que leva.

A festa do noivado, depois de dois meses, chega ao fim. Os ritos de conclusão são quase idênticos aos iniciais, com a participação do “senhor da anta” e com o enfeite da grande flecha, levada pelo “senhor da seca”.

Se alguém quer continuar correndo, pode fazê-lo, mas sem qualquer cerimônia ou canto. Os animais que caçar lhe pertencerão. Os futuros genros, porém, devem entregar a caça aos sogros.

Perto da aldeia os noivos param e pintam-se de negro na parte anterior e de vermelho na parte posterior. Esperam na orla da floresta.

Os futuros sogros se reúnem na praça central da aldeia e mandam os próprios filhos buscar as grandes broas rituais para dá-las aos futuros genros. Estes as recebem e vão a suas casas, onde as distribuem entre os paren-

tes. A cerimônia é fundamental. Receber a broa é pertencer à família. A designação do noivo é definitiva.

No dia seguinte, plantam-se atrás das casas da aldeia frondosos ramos para fazer sombra, debaixo da qual no outro dia se conclui a festa. Todos se lavam e se preparam.

Ao alvorecer, todos, jovens, velhos, homens e mulheres, se levantam e se pintam. Estando todos prontos, os futuros sogros ornamentam os próprios filhos (meninas e meninos) com uma espécie de manto de algodão, que após a festa é levado para casa a fim de se conservar o fio. Uns auxiliam os outros na tarefa.

O final dessa festa é igual ao das demais. Homens e adolescentes se enfeitam com duas penas de periquito, colocadas à altura dos rins. Todos se reúnem no lugar preparado na véspera. Formam uma roda, circundados pelos futuros genros, que empunham um bastão com que golpeiam o solo. Sempre rodeados pelos futuros genros, todos os que estavam na sombra começam a caminhar, fazendo um giro completo pela aldeia. Os futuros genros, em intervalos regulares, batem no chão com os bastões. Chegando à praça central, formam novamente o círculo, bate-se pela última vez o solo e todos se retiram para suas casas.

A INICIAÇÃO NA PUBERDADE

Em todas as iniciações, o banho ocupa uma parte importante como rito que às vezes se vai repetindo durante meses. É o caso da iniciação à puberdade e da perfuração das orelhas: estando todos pintados, logo no começo da festa, os *wapté* se dirigem para o rio, passando por fora da aldeia, segundo as instruções dos padrinhos. Os mais velhos mergulham primeiro, depois vários outros grupos etários, em ordem decrescente de ancianidade, até chegar a vez dos *wapté*. A partir deste momento eles não poderão acender fogo, nem forrar o solo com folhas, para sentar-se.

Na água, os *wapté* imergem as mãos unidas em forma de concha e, acompanhando com os pés o movimento das mãos, jogam água ora para a direita, ora para a esquerda, ora sobre a cabeça. Almoçam sentados na água, comendo uma broa de milho assada debaixo de brasas. Ao acaso, um velho da aldeia vai até o rio para chamá-los e juntos retornam às casas paternas. As irmãs pintam o corpo do *wapté* com listas pretas de carvão; em seguida, ele se deita na cama de seu pai. Mas na calada da noite, deve levantar-se e ir dormir ao relento numa esteira estendida perto da casa, sobre um estrado de folhas.

A partir de então os meninos se chamam *wtapé'wa*. Enquanto toda a aldeia ainda dorme, os *wapté* acordam, voltam ao rio, tomam banho e depois comem fora da água. Retomam o sono, até que o canto da saracura os acorde e os faça retornar ao rio para o mesmo banho do dia anterior, com

a única diferença de que desta vez termina pelas 16 horas e não à noite. O jantar lhes é levado pelas mães ou irmãs.

Os anciãos de vez em quando ordenam aos *wapté* que parem de bater na água a fim de repousarem um pouco, sem, contudo, saírem do rio.

O banho ritual, com as cerimônias conexas, se estende por um mês ou mais. Segue-se a perfuração dos lóbulos das orelhas com um estilete de osso de onça e depois os banhos continuam por mais alguns dias. Segundo os Xavánte, é um meio para anestésiar os lóbulos e também para tornar o corpo forte e belo.

A INICIAÇÃO NOS SEGREDOS DA TRIBO

O rito da iniciação nos segredos da tribo é a passagem da submissão do adolescente aos pais para a autonomia na vida tribal. Também nesta cerimônia o banho ocupa lugar de destaque: Pelo espaço de uns dois meses, os iniciandos cantam, sem interrupção, debaixo do sol ardente. Jejum durante o dia e bebem pouquíssimo. Não podem tomar seu banho costumeiro. Preparam-se desta forma para o rito de morte e retorno à vida.

Na data fixada, pelo meio dia, deverão cantar, olhando para o sol. Os anciãos lançam-lhes no rosto um pó mágico e todos perdem a consciência (morrem, dizem os Xavánte). Imediatamente, os parentes dos iniciandos vêm com água do rio, que jogam sobre eles com abundância para fazê-los reviver. Durante toda a cena, os parentes choram pelo suposto morto, arrancam-lhe os cabelos e sopram-lhe nos ouvidos, a fim de que ressuscite.

A cerimônia prossegue com outras fases, que omitimos. A água, fazendo renascer o rapaz, que antes dependia dos pais, o torna membro ativo do grupo.

A INICIAÇÃO DOS DZUTSIWA (CHEFES DA FESTA DA ONÇA) E DOS WA'RÃ (PANTERAS NEGRAS)

Os *dzutsiwa* e os *wa'rã* são personagens que nas festas possuem tarefas especiais. Desconhecemos o significado profundo dessas figuras; talvez os próprios Xavánte o tenham esquecido. O rito é indispensável, embora o título seja hereditário. A iniciação faz parte da festa do "nome das mulheres". Nas margens baixas do rio próximo da aldeia se constróem três cabanas para os iniciandos. Estes são apresentados oficialmente à tribo, recebido a ordem de retirar-se para as cabanas e depois ficam imersos na água. Tanto os *wa'rã* como os *dzutsiwa* (duas mulheres e dois homens) devem permanecer sempre na água, não podendo aquecer-se com fogo, nem

quando, alternadamente, alcançam as margens para descansar; mesmo aí conservam sempre os pés na água.

À noitinha, depois do o sol se pôr, voltam para a aldeia, onde são untados com uma pomada feita de raízes, indo dormir em seguida. De manhã retornam ao rio. Isso se repete até que seja dado nome às mulheres. Segundo o velho Jerônimo, também neste caso, a permanência demorada na água tem o fim de tornar os corpos fortes e belos.

OUTROS EFEITOS DO BANHO

Há também um banho para impedir a fecundação. A mulher que na festa do *wa'ya* teve relações com vários homens, para evitar a concepção, que, na mentalidade xavánte, seria um mal, devido à mistura dos sêmens, toma um simples banho. Isto, entretanto, não se coaduna com a idéia corrente de que a água dos rios é sempre fonte de vida e força. A explicação talvez seja a de que os espíritos bons dos rios que favorecem a tribo e o aumento de indivíduos bons e normais, previnam a concepção dos anormais.

Outro tipo de banho, ainda, tem o poder de fazer chover. O “senhor da seca”, no fim do tempo das chuvas, quando elas ainda são necessárias, a pedido de algum xavánte, vai ao rio e toma um banho, lançando um pouco de água para o alto e mandando a chuva cair. Seria mais correto dizer que ele se dirige aos espíritos da chuva, porque as invocações falam de muitos.

Durante todo o tempo da caçada, o “senhor da seca” não deve tomar banho, para evitar que chova, o que dificultaria a caçada feita com o fogo. Mais tarde, porém, quando as plantações exigem as chuvas, o “senhor da seca” vai ao rio para tomar banho, pulverizando-se antes com um pó mágico.

Segundo o informante, a chuva caía invariavelmente e de forma até espetacular em certos casos, em pleno estio, a pedido do “senhor da seca”, que, para vingar-se de alguém, a invocava agitando no ar alguns ramos mágicos, já que nessa época ele não podia tomar banho.

Um terceiro tipo de banho serve para curar as doenças. Quando há na aldeia algum doente grave ou quando, no caso de uma epidemia, falharem todos os recursos, procede-se a uma cerimônia particular. Os homens cantam e dansam durante toda a noite; alguns, pintados de preto, e representando os espíritos maus, procuram atemorizar o doente. Mas são mortos e simbolicamente sepultados. A seguir leva-se o doente ao rio, onde é imerso e untado com certas resinas, enquanto dois personagens imitam o jacaré, espírito da cura.

O doente primeiro se levanta um pouco. Depois fica em pé por mais tempo. Começa a caminhar, vai tomar o seu banho. A mulher o lava bem.

No dia seguinte toma outro banho, trata de ir sozinho para o bosque (para as suas necessidades); depois volta e toma mais um banho; assim vai melhorando até sarar.

Como o cansaço, no pensar dos Xavánte, é uma espécie de doença, toda corrida ritual é concluída com um banho rápido, antes de se continuarem as cerimônias. Dizem que serve para esfriar o corpo por dentro e para recuperar as forças.

CONCLUSÃO

De tudo isso se depreende que a água corrente, a água viva, que entra na maioria dos ritos, tem para os Xavánte um rico simbolismo. É fonte de vida, força e beleza. Todas as vezes que perguntamos pelo porquê dos vários tipos de banhos, obtivemos como resposta: "*ĩ hoy petre da*" (*ĩho* = pele humana, isto é, todo o corpo, a pessoa; *y* = eufônico; *da* = sufixo que transforma o substantivo em verbo e indica finalidade: para; *petre da* = arrumar, reparar, tornar belo, forte, são). Em suma, a água serve para tornar o homem forte, belo e sadio.

Enquanto para outras tribos a orientação da aldeia é regida pelo sol, entre os Xavánte a localização tem como marco de referência o curso de água.

No dia seguinte fomos para o campo, mas de lá fomos para o campo (para as suas necessidades), depois voltei a terra mais um pouco, mas não me lembrando de sair.

Como é conhecido, no pensamento dos Xavantes, o mundo espiritual é muito rico e complexo, com muitos tipos de entidades, tanto de natureza boa quanto de natureza má. Além disso, há uma grande variedade de espíritos, tanto de natureza boa quanto de natureza má. Há também uma grande variedade de espíritos, tanto de natureza boa quanto de natureza má.

CONCLUSÃO

De acordo com o que foi observado, o mundo espiritual dos Xavantes é muito rico e complexo, com muitos tipos de entidades, tanto de natureza boa quanto de natureza má. Além disso, há uma grande variedade de espíritos, tanto de natureza boa quanto de natureza má. Há também uma grande variedade de espíritos, tanto de natureza boa quanto de natureza má.

Quando se trata do mundo espiritual dos Xavantes, é importante lembrar que ele é muito rico e complexo, com muitos tipos de entidades, tanto de natureza boa quanto de natureza má. Além disso, há uma grande variedade de espíritos, tanto de natureza boa quanto de natureza má.